



# Blumenau em cadernos

TOMO XXVII

\*

Março de 1986

\*

Nº 3

## A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", editora desta revista, torna público o agradecimento às empresas abaixo relacionadas que, visando garantir a permanente regularidade das edições de "Blumenau em Cadernos", tomaram a si o encargo financeiro na restauração total das nossas oficinas gráficas que haviam sido parcialmente destruídas nas enchentes de julho de 1983:

COMPANHIA HERING

COMPANHIA TEXTIL KARSTEN

MAFISA — MALHARIA BLUMENAU S/A.

CREMER S/A. — PRODUTOS TÊXTEIS E CIRÚRGICOS

MAJU INDÚSTRIA TEXTIL LTDA.

SUL FABRIL S/A.

EMPRESA AUTO VIAÇÃO CATARINENSE

LOJAS HERING

### **COLABORADORES ESPONTANEOS**

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" agradece aos abaixo relacionados que, espontaneamente, contribuíram com recursos financeiros para garantir a estocagem de papel necessário à impressão desta revista durante o corrente ano:

DISTRIBUIDORA CATARINENSE DE TECIDOS S/A.

MOELLMANN COMERCIAL S.A.

TIPOGRAFIA E LIVRARIA BLUMENAUENSE S.A.

BUSCHLE & LEPPER S.A.

CIA. COMERCIAL SCHRADER S.A.

JOÃO FELIX HAUER

MADEIREIRA ODEBRECHT

LINDNER, HERWIG SHIMIZU - ARQUITETOS

MÓVEIS ROSSMARK S.A.

ARTUR FOUQUET

JOALHERIA E ÓTICA SCHWABE LTDA.

PAUL FRITZ KUEHNRIK

CASAS BUERGER

# BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXVII

Março de 1986

Nº. 3

## SUMÁRIO

Página

A Família Bohn em Santa Catarina — II .....	66
Waldemar Annuseck — Meio século de fiel dedicação ao trabalho	69
Subsídios Históricos .....	72
Atuação das creches nos Centros Sociais em 85 .....	74
“Eram os Deuses Astronautas” .....	75
Autores Catarinenses .....	76
Economia — Indústria: — Comércio no passado .....	78
As bodas de diamante do casal Stutzer .....	79
Era uma vez um simples caminho.....	80
Em questão, o museu do tecelão .....	84
O que a imprensa historiou no passado .....	87
Aconteceu.....	95
BLUMENAU — Texto extraído do livro “Desenvolvimento Econô- mico e Evolução Urbana” de PAUL SINGER .....	96

## BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

*Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina*  
Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

Diretor responsável: José Gonçalves - Reg. n.º 19

ASSINATURA POR TOMO (12 NÚMEROS) Cr\$ 20.000,00

Número avulso Cr\$ 2.000,00 -- Atrasado Cr\$ 3.000,00

Ass. p/o exterior Cr\$ 50.000,00 mais o porte Cr\$ 10.000,00 total Cr\$ 60.000,00

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425 - Fone: 22-1711

89.100 - B L U M E N A U - S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L

# A Família Bohn em Santa Catarina - II

Antônio Francisco Bohn

Em março de 1985, em Blumenau em Cadernos, pág. 63 publicamos "A Família Bohn em Santa Catarina I". Hoje, damos continuidade ao tema, apresentando o fruto de maiores pesquisas feitas.

Em 1840, chegavam a São Leopoldo, Clemente Bohn e seu irmão, provenientes da região Zell, perto de Trier. Logo em seguida, outros parentes chegavam e o número cresceu rapidamente.

Quanto aos Bohn que chegaram a Santa Catarina, eram provenientes de Hambrücken, fazendo parte hoje da comunidade de Karlsdorf-Neuthard, perto de Karlsruhe.

Nos livros paroquiais de São José, constata-se o batizado de uma tal Ana Bohn, nascida a 02.10.1834 e de Luiz Bohn, nascido a 25.05.1844. A grafia, no entanto está péssima e não se pode ler com exatidão o que foi anotado pelo cura da época. Há indícios de um tal João Bohn casado com Susana Vestes e um Henrique Bohn casado com Ana Pelens. Pe. Raulino, em sua obra histórica sobre sua família, faz menção da presença de uma família Bohn em São Pedro de Alcântara, mas não consta da lista dos imigrantes que para lá se dirigiram em 1829. Estas informações terão que ser cuidadosamente estudadas. Certo é, no entanto, que muitos imigrantes "mal recebidos" tratavam logo de procurar outro lugar "não tanto acidentado".

As informações seguras continuam sendo as da colônia Itajahy-Brusque, pela documentação existente. No 1º. livro de casamentos da colônia (1861-1880), há o registro de casamento de José Bohn, p. 4, assento nº. 19 e consta: "Casamento de José Bohn, nascido a 02.03.1839 em Neuthard, perto de Brushsal, em Baden. Pais: João Bohn e Katharina Barbara Köhler. Nome da esposa: Francisca Mahl, nascida a 14.09.1832 em Wiesenthal, perto de Philippsburgen, Baden. Pais da esposa: Francisco Mahl e Catarina Haeseler. Dia do Casamento: 10.06.1861. Testemunhas: Pedro Heil e Francisco Weigenard. Vigário: Pe. Alberto Gattone."

Solicitei em Karlsdorf-Neuthard que me enviassem a árvore genealógica de José Bohn, o que de fato, aconteceu. José Bohn era filho de Johann Bohn nascido a 21.12.1802, casado com Katharina Barbara Köhler, de Hambrücken, nascida a 07.01.1801. Johann Bohn era filho de Sebastian Bohn, nascido a 20.04.1776 e falecido a 25.12.1852, casado em Anna Maria Saam, de Büchenau. Sebastian era filho de Peter Bohn, nascido 18.08.1750 e falecido a 19.04.1820, casado com Margaretha Nun, nascida a 26.05.1744 e falecida em 1813. Peter era filho de Johann Peter Bohn, nascido a 12.12.1720 e falecido em

**MAJU**

Pela alta qualidade das confecções em malhas que produz, tornou-se uma empresa de vanguarda nas exportações e no mercado brasileiro, e orgulho da indústria têxtil blumenauense.

16.05.1772, casado com Magdalena Heneka, nascida em 1718 e falecida em 05.01.1775.

Johann Peter Bohn faleceu em 22.02.1749 e era casado com Bárbara Bohn, falecida em 15.12.1731.

José Bohn tem, evidentemente, um lugar importante na história de Brusque. Veio para o Brasil com 21 anos, católico, lavrador, natural de Baden, agregado de Matias Munich. Veio na 4ª. leva (1860) para a fundação da colônia Itajahy-Brusque. Teve com Francisca Mahl, quatro filhas:

— Maria Tereza, nascida a 25.09.1862, batizada a 15.02.1863 (1º. livro de batizados, p. 45, assento nº. 17).

— Catharina Bárbara, nascida a 01.08.1865, batizada a 12.09.1865 (1º. livro, p. 149, assento 142).

— Brigitta Bohn, nascida a 08.10.1857 e batizada a 27.11 (1º. livro, p. 132, assento 56).

— Maria Madalena, nascida a 03.08.1871 e batizada a 10.08 (2º. livro, p. 48, assento 76).

Não há registro de nenhum desses nomes no livro de óbitos da colônia.

Este José Bohn era primo de Ida Bohn, que emigrou em 1867, juntamente com seu pai, também chamado José Bohn. De ambos, possui a árvore genealógica. No 2º. livro de casamentos da colônia, p. 182, nº. 61, encontramos: "A 26.10.1891, na capela de Lageado, casaram-se Wendelin Ebele, 22 anos com Ida Bohn, 29 anos, nascida e batizada em Neuthard, filha legítima de José Bohn e Genovefa Heneka".

Ida Bohn emigrou com seu pai, José Bohn, que nasceu a 26.01.1819. Era filho de Franz Josef Bohn nascido a 24.03.1786 e falecido a 26.01.1857, casado com Bárbara Weinmann, nascida a 08.10.1795 e falecida a 24.01.1854. Este Franz Josef era irmão de Sebastian Bohn, avô do outro José Bohn (co-fundador de Brusque, citado anteriormente). A partir daí, a árvore genealógica é a mesma continuando com Franz Peter Bohn, casado com Margaretha Nun. Não há registro de óbito de Ida Bohn nos livros paroquiais, nem de nascimentos de filhos seus.

Há outro nome digno de destaque: o de João Bohn, que veio para a colônia casado com Regina Beitschler. Era filho de Francisca Bohn. Teve 4 filhos:

— Ana, nascida a 14.09.1862 e batizada a 20.02.1863 (1º. livro de batizados, p. 45, assento nº. 19).

— Sophia, nascida a 26.05.1866, batizada a 26.05 (1º. livro, p. 107, nº. 41).

— Adolpho, nascido a 26.08.1867, batizado a 05.10 (1º. livro, p. 137, nº. 85).

— Catharina, nascida a 11.12.1869 e batizada a 01.01.1870 (2º. livro, p. 19, nº. 1).

Emigrou também para Santa Catarina em 1859, vindo de Neuthard, Sebastian Bohn, solteiro, mas não há registro de onde teria fixado residência. Igualmente, em 1867, Johann Bohn, viúvo, com duas filhas, mas não há registro. Nesta cidade de Neuthard, residem até

hoje, muitos membros da família Bohn, berço dos imigrantes que vieram para Santa Catarina.

Dois outros nomes são dignos de registro: os de Raimund e Balthasar Bohn, que emigraram antes de 1880. No 2º. livro de casamentos da colônia (1880-1897), à p. 12, nº. 2, encontramos: "Casamento de Raimund Bohn, solteiro, filho legítimo de Francisco Carlos Bohn e de Verônica Reichert, nascido e batizado em Hambrücken, em Baden, idade de 27 anos. Ministro: Pe. Alberto Gattone. Data do casamento: 25.01.1881. Ela, Catarina Schlösser, solteira, filha legítima de José Schlösser e de Emília Becker, nascida e batizada nesta paróquia, 17 anos de idade. Testemunhas: João Boos e Sebastião Becker". Desse casamento, nasceram os seguintes filhos:

— Raimund, nascido a 18.10.1881, batizado a 18.12 (4º. livro, p. 133, nº. 377).

— Catharina, nascida a 17.09.1883, batizada a 23.11 (4º. livro, nº. 204, p. 209).

— Amália, nascida a 29.03.1887, batizada a 22.04 (5º. livro, p. 114, nº. 84).

— Ana, nascida a 24.09.1889, batizada a 16.02.1891 (6º. livro, p. 47, nº. 98).

— Verônica, nascida a 21.02.1892, batizada a 19.03.1892 (6º. livro, p. 167, nº. 77).

— Emília, nascida a 01.11.1894, batizada a 30.12 (7º. livro, p. 93, nº. 546).

— Gregório, nascido a 14.10.1897, batizado a 14.01.1898 (8º. livro, nº. 110, p. 87v).

— Clemente Maria, nascido a 25.09.1900, batizado a 29.10 (8º. livro, p. 189, nº. 412).

O irmão de Raimund, Balthasar, também fixou residência na colônia. No 2º. livro de casamentos, p. 75, nº. 07, encontramos: "Aos 8 de janeiro de 1885, na matriz de São Luis receberam-se em matrimônio, por palavras do presente, em minha presença, Balthasar Bohn, com 29 anos, filho legítimo de Francisco Carlos Bohn e Verônica Reichert, com Anna Krüger, com 22 anos de idade, filha legítima de Franz Anton Krüger e Catarina Betz. Ambos são moradores deste curato. Foram testemunhas: João Boos e João Kormann. E, para constar fez o presente assento, o cura Pe. João Fritzen". Desse casamento nasceram os seguintes filhos:

— Francisco, nascido a 07.11.1885, batizado a 06.12.1885 (5º. livro, nº. 394, p. 23v). Casado com Ana Siegel.

— Felippina, nascida a 19.10.1890, batizada a 30.11.1890 (6º. livro, p. 86v, nº. 398). Casada com Walentin Wippel.

— Thereza, nascida a 02.03.1889, batizada a 11.06 (6º. livro, p. 6, assento nº. 208). Casada com Bernardo Fischer.

**SUL FABRIL** Um nome que todo o Brasil conhece porque é etiqueta das mais afamadas confecções em malhas de qualidade inconfundível e que enriquece o conceito do parque industrial blumenauense

— Olga, nascida a 09.11.1892, batizada a 19.12 (7º. livro, p. 11, nº. 102). Casada com Walentim Wippel — 2ªs. núpcias.

— Catharina, nascida a 14.06.1894, batizada a 24.07 (7º. livro, p. 76, nº. 263). Casada com Luiz Batschauer.

— Pedro, nascido a 29.06.1897, batizado a 30.07 (livro, p. 59, nº. 192). Casado com Martha Schaefer.

— Rosa, nascida a 01.10.1899, batizada a 27.10 (8º. livro, p. 141, nº. 380).

— João, cujos dados não encontrei.

São estes alguns nomes, ao lado de tantos imigrantes que vieram enriquecer esta pátria. Quanto aos ascendentes de Raimund e Ealthasar, conferir Blumenau em Cadernos de março de 1985, página 63.

---

## Waldemar Annuseck - Meio século de fiel dedicação ao trabalho

Com a presença de dezenas de pessoas, todas amigas, além de seus familiares, — filhos, noras e netos, Waldemar Annuseck festejou, no dia 14 do corrente mês de março, um acontecimento marcante de sua vida: os 50 anos de serviços prestados à Tipografia e Livraria Blumenauense, em cuja empresa ainda hoje exerce funções na diretoria.

O fato, por não ser comum, entusiasmou a todos os que compareceram às solenidades, iniciadas com um culto especial na Igreja Evangélica de Confissão Luterana do bairro Garcia e continuadas com um ágape fraternal realizado nas dependências da mesma Comunidade, nos fundos da igreja.

As homenagens recebidas por Waldemar Annuseck foram merecidas e oportunas, porque ele representa o exemplo maravilhoso da fidelidade e dedicação ao trabalho, senso de responsabilidade e amor à profissão exercida.

Durante as solenidades, especialmente por ocasião do culto, ouvimos relatos admiráveis da trajetória vencida pelo jubilandando, que vale aqui serem registrados como seguem:

Há, precisamente, 50 anos, ou seja, no dia 14 de março de 1936, o então jovem Waldemar Annuseck foi admitido na firma G. Arthur Koehler, possuidora de uma Tipografia, à rua 15 de Novembro e cuja empresa era editora do jornal em língua alemã "Der Urwaldsbote".

A admissão de Waldemar Annuseck deu-se também de maneira curiosa. Isto porque, aquele jovem, que freqüentava a Escola Luiz Delfino, localizada onde hoje acha-se o edifício do Fórum, passava diariamente em frente do prédio da tipografia. Ele residia no bairro Ponta Aguda. Utilizava a passagem em canoa ou balsa, existente na prainha, e cujo balseiro era o saudoso Victório Alcântara. No dia 13 de março de 1936, quando passava em frente da Tipografia G. Arthur Koehler, o estudante Waldemar Annuseck foi abordado pelo encarregado da impressão do jornal "Der Urwaldsbote", sr. Richard Reckel-

berg, que lhe perguntou se não desejava empregar-se naquela empresa para trabalhar como seu auxiliar no manuseio da máquina rotoplana que imprimia o jornal. Waldemar aceitou a oferta e já no dia seguinte, 14 de março, começava a trabalhar na empresa.

Depois de um ano de atividades na Tipografia e já conhecendo perfeitamente a profissão, fruto de sua dedicação e empenho ao trabalho, Waldemar passou a ocupar a chefia da impressão do jornal, visto que o sr. Richard Reckelberg afastava-se das funções, despreocupado, porque havia conseguido preparar conveniente seu sucessor. Waldemar foi o impressor daquele jornal até sua última edição. Aqueles primeiros anos após o desaparecimento do jornal, trouxeram muitas modificações na Tipografia, em consequência do conflito generalizado na Europa e que se manifestara também nas regiões de colonização alemã, acentuando-se ainda mais com a entrada do Brasil na segunda guerra mundial. A primeira transformação ocorreu com a mudança da razão social da Tipografia G. Arthur Koehler em Sociedade Anônima, com a denominação de "Tipografia e Livraria Blumenauense S/A". A outra consequência foi o fechamento do jornal. Responsável pela sua impressão, Waldemar Annuseck teve que encontrar outra ocupação dentro da empresa para lá permanecer. Passou então à atividade de tipógrafo, primeiramente como distribuidor dos tipos de composições já utilizadas, uma tarefa que exige muita dedicação e grande atenção. Nesta atividade tornou-se exímio profissional. Daí passou a trabalhar no setor de impressão geral, operando com máquinas de diversas características. Além desta atividade, Waldemar sempre atuou em outros setores, quando chamado a colaborar, como por exemplo no serviço de corte de papel, uma atividade que implicava em fazer todos os cálculos, englobando custos, quantidade e tamanho do papel a ser utilizado em cada gênero de impressos. Em face da dedicação e amor que sempre devotou a todas as atividades desenvolvidas na Tipografia, Waldemar conquistava a cada passo, a confiança dos diretores da empresa e era chamado cada vez com mais frequência para solucionar problemas nos setores da Tipografia que apresentavam algum problema de fluxo normal do serviço, especialmente nos cálculos do papel a ser cortado para os variados impressos. Com esta atividade diversificada, Waldemar acabou por tornar-se um profissional versátil dentro da organização, conhecendo desde o mais modesto setor ao mais sofisticado. Tanto assim que, a partir de março de 1957, ficou encarregado das compras de todos os setores da Tipografia e Livraria Blumenauense, funções que exerce até hoje. Todavia, a partir de 1962 foi eleito e em 1972 reeleito diretor adjunto da empresa. E sentindo-se útil e muito necessário ao conjunto administrativo da empresa para a qual dedicou toda a sua vida profissional, continua ainda hoje a prestar sua colaboração nas mesmas altas funções. Os 50 anos de trabalho contínuo e de muito esforço, não lhe tiraram nada de sua disposição e alegria de viver. Tanto assim que, a par de sua atividade profissional Waldemar Annuseck também sempre teve atuação marcante no trabalho da Comunidade Evangélica, exercendo, além de outras funções, o cargo de Presidente da Paróquia Blumenau-

Garcia, havendo-se sempre com admirável capacidade de trabalho e de liderança.

Outro setor de atividade que o destacou na sociedade blumenauense e o elevou aos píncaros da glória, na bela fase de sua mocidade, mesmo depois de casado e já com filhos pequenos, foi a sua impressionante carreira de remador no Clube Náutico América, justamente na fase mais áurea daquele clube, conquistando numerosos campeonatos e até vice-campeonato brasileiro de remo, vencendo competições no Uruguai e em diversos centros do país. Waldemar, junto com seu irmão Edgar Annuseck, integraram as duas famosas guarnições americanas, as mais famosas que o América já possuiu — o oito gigante e o quatro com patrão, realizando façanhas incríveis nas raias paulistas, cariocas, gaúchas e no Uruguai. As medalhas que conquistou nas provas vencidas e que não foram poucas, possuem a mais bela história do esporte amador de nossa terra e que merecem um dia serem relatadas com mais destaque, embora a imprensa da época — o jornal “A Nação”, que sempre acompanhou suas proezas — tinha registrado tudo e a coleção completa deste jornal acha-se no Arquivo Histórico da Fundação “Casa Dr. Blumenau” para quem quiser comprovar.

Valorizando sobremaneira a sua condição profissional, Waldemar Annuseck também não deixou de ligar-se sempre ao Sindicato dos Empregados Gráficos de Blumenau, do qual foi um dos fundadores e onde exerceu o cargo de Tesoureiro.

Por tudo isso, e por constituir-se em algo raro e digno do maior destaque, o que procuramos fazê-lo nesta revista histórica, considerando os padrões, critérios e princípios que norteiam as atividades profissionais em nossos dias — o fato de uma pessoa exercer, ininterruptamente, ao longo de meio século, suas atividades profissionais na mesma empresa, participar, ao mesmo tempo, das atividades religiosas de sua igreja, do seu sindicato de classe, de intensas atividades esportivas no campo amador, sem descurar um só instante de seu sagrado dever para com sua família, criando e educando seus filhos dentro do mesmo padrão de amor, dignidade, respeito e fé, é admirável! São fatores que nos dão, afinal, um exemplo sem par do que o homem, consciente de suas responsabilidades comunitárias de formação cristã e salutar, pode alcançar. Um exemplo para a juventude de hoje que se, seguido por muitos, dará ao futuro, a garantia de paz, assegurada pela força da moral e da razão.

Waldemar Annuseck, ao completar seus 50 anos de bons serviços prestados à Tipografia e Livraria Blumenauense, com 66 anos a completar no dia 10 de maio vindouro, pois nasceu a 10 de maio de 1920, tem a satisfação de ver ao seu lado, uma família unida, composta dos seguintes entes: esposa dona Elsa Annuseck, nata Zwicker; fi-

**LOJAS HERING S.A.** Representa não só o espírito empreendedor como também solicitude, educação e sociabilidade que caracterizam tão bem a tradicional formação da gente blumenauense.

lhos: Ingomar Annuseck, casado com Lilian, nata Buschinsky, netos Cleyton, Adriana e Danielle; Ralf Annuseck, casado com Maridalva, nata Mass, netos Vivian e Alan; Werner Annuseck, casado com Carmem, nata Knoch, netos Ellen e Cintia. E Carla Annuseck, solteira.

Waldemar é filho de Victor Annuseck e dona Clara Annuseck, nata Berndt, ambos descendentes diretos de pioneiros colonizadores desta maravilhosa região do Vale do Itajaí, imigrantes que com sua força de trabalho e capacidade realizadora, trouxeram para nossa terra a esperança transformada na realidade do progresso e bem-estar que hoje desfrutam seus descendentes. "Blumenau em Cadernos", ao fazer este registro, saúda Waldemar Annuseck e seus distintos familiares pelo importante evento.

José Gonçalves

---

## Subsídios Históricos

Coordenação e Tradução: Rosa Herkenhoff

Excertos do "Kolonie-Zeitung" (Jornal da Colônia), publicado na Colônia Dona Francisca, Joinville, a partir de 20 de dezembro de 1862.

Notícias do dia 4 de julho de 1863:

Rio de Janeiro. — A filha do Príncipe de Joinville, Francisca Maria Adelaide se casará com seu primo, o Duque de Chartres, neto do Rei Louis Philippe e filho de Duque de Chartres.

Dona Francisca. — A 27 de junho realizou-se a festa da cumieira da igreja católica. Ao som de uma banda de música, foi levantada uma coroa de flores no meio da nave e uma cruz no ápice da cumieira. Do alto, o construtor Kroehne deu vivas ao Governo do País e à Sua Magestade o Imperador D. Pedro II, sendo acompanhado em coro pelos trabalhadores e assistentes reunidos em frente da construção. À noite foi oferecido um banquete aos trabalhadores da obra, no restaurante Ravache.

Notícia do dia 26 de dezembro de 1863:

Dona Francisca. — Na sessão de 19 do corrente, da "Culturverein" (Sociedade de Cultura), foram lidos relatos dos colonos Isaak Baumer, da estrada das Suíços, Salomon Baggenstoss, da estrada Guiguer e Friedrich Buchmann, da estrada Santa Catarina sobre o cultivo de diversos cereais. Na mesma ocasião, os dois primeiros apresentaram diversas espigas de trigo, de centeio e de aveia. Os resultados do cultivo do trigo e do centeio não foram satisfatórios, os grãos não se desenvolveram plenamente. Mas, ao contrário, a aveia apresentou grãos numerosos e cheios e o cultivo da mesma parece recomendável, pois as plantas, depois do amadurecimento das espigas, ainda podem

ser cortada várias vezes e aproveitadas para forragem, pois brotam novamente, dando assim bom resultado.

Notícia de 13 de fevereiro de 1864:

Blumenau. — Como resultado de uma viagem de reconhecimento chefiada pelo engenheiro Sr. Odebrecht, na primeira quinzena de janeiro, desfizeram-se completamente as últimas dúvidas em relação à construção de uma estrada de Blumenau a Dona Francisca. Na serra que forma a vertente entre a região do Itajaí e do Itapocu e de onde as águas do Rio Testo em direção ao Sul, correm para o Itajaí, e do Norte as águas do Rio Jaraguá correm para o Itapocu, encontra-se um passo, que não oferece o mínimo obstáculo para o corte de uma rodovia. Nas cercanias, tanto do lado sul como o do norte, se estendem ótimas terras planas. A futura rodovia de ligação, aberta nesse local, poderá, assim, ser colonizada de ambos os lados e oferecer à cultura progressiva um campo novo, tão amplo quanto rico. Esse passo da serra está situado mais ou menos a 26° 45' latitude sul e 31° 40' longitude ocidental de Ferro, e recebeu a denominação Passo da Condição.

Notícia de 12 de março de 1864:

No dia 6 de março à tarde (domingo), reuniram-se em Pedreira 30 colonos, a fim de deliberarem sobre a instalação de uma escola, sendo que 27 se comprometeram por escrito a contribuir para a construção da escola e para frequência e aulas regulares de seus filhos. Mais de 30 crianças já estão matriculadas. Queira Deus que a obra progrida! O que seus pais agora gastam com sacrifícios para este fim, trará inúmeros frutos para seus filhos.

Notícia de 7 de agosto de 1864:

Dona Francisca. — O dia de hoje, quando se inaugura festivamente a nova igreja protestante em Joinville, é um dia de alegria para quase todos os habitantes da Colônia. Há quase 8 anos foram concedidos 10 contos de réis pelo Governo do País. A 20 de abril de 1857 foram iniciados os trabalhos e a 1.º de junho (domingo do Espírito Santo) foi lançada a pedra fundamental. A construção progrediu rapidamente, mas depois houve longa interrupção.

Noticias de 1 de abril de 1864:

Dona Francisca. — A exportação de madeiras para o Sul aumenta cada vez mais. Encontra-se atualmente ancorado na Lagoa Saguacu o navio de três mastros "Nicoline", comandante Lindemann, a fim de carregar madeiras daqui, para Montevidéu.

Dona Francisca. — Na semana passada foi entregue ao trânsito a ponte da estrada Blumenau sobre o rio Pirai. Esta ponte mede 120 palmos de comprimento (28,40 metros) e 20 de largura (4,40 metros).

— — — — —

A coleção completa do "Kolonie-Zeitung" faz parte do acervo do Arquivo Histórico de Joinville.

## *Atuação das creches nos Centros Sociais em 85*

A Prefeitura de Blumenau, através da Secretaria de Saúde e Bem-Estar Social, divulgou dia 19 de dezembro último, o relatório das atividades concernentes às creches em funcionamento nos 30 Centros Sociais mantidos pela municipalidade.

Durante o ano de 1985, foram atendidas 1.300 crianças, distribuídas no berçário, que abriga crianças de 0 a 2 anos; no maternal 1, para crianças de 2 a 4 anos; maternal 2, para crianças de 4 a 6 anos; e na categoria especial, existente apenas no Bairro Fortaleza, para crianças de 7 a 12 anos.

Em termos de refeições, foram servidas 1.485.354, além de 252.604 mamadeiras. Para se ter uma idéia do volume de mercadorias utilizado para a elaboração da alimentação, somente em doações da horta da Secretaria Municipal de Agricultura foram entregues 1.033 dúzias e meia de ovos; 983 quilos de repolho; 356 quilos de Nabo; 196 quilos de cenoura; 20 quilos de pepino; 202 quilos de chuchu; 70 quilos de banana; 290 quilos de abóbora e 300 quilos de beterraba.

Segundo Nina Rosa Wolff, Supervisora do Setor de Creches da SESBES, existe um convênio entre a Prefeitura e a LBA, que assegura apoio daquela entidade quanto à alimentação, fornecimento de material didático, aquisição de materiais para cursos e para o Clube de Mães. A supervisora Nina Rosa Wolff, acrescentou "que ainda existem convênios com Empresas, que realizam o pagamento de uma taxa de renovação anual, permitindo aos funcionários enviarem seus filhos às creches dos Centros Sociais da Prefeitura. As creches também recebem o apoio de Clubes de Serviço e Entidades Assistenciais.

Para demonstrar a importância dos serviços das creches, que funcionam junto aos Centros Sociais, quatro delas, respectivamente as do Garcia, da Vila Iná, do Fortaleza e do Testa Salto, possuem horário de funcionamento idêntico ao das empresas, ou seja, das 4 da manhã às 22 horas e 30 minutos.

Pelos parâmetros estabelecidos pela administração Dalto dos Reis são objetivos das creches: estimular o desenvolvimento físico, emocional, intelectual e social da criança; possibilitar a formação de hábitos saudáveis; integrar a família no processo educativo dos filhos; melhorar os padrões alimentares e sanitários da criança, bem como da família, além de dar assistência e prestar acompanhamento médico-odontológico às crianças atendidas.

**MAFISA** Uma etiqueta facilmente encontrada em todo o comércio brasileiro. O aprimoramento constante de que produz, tornou MAFISA tão obrigatório o uso dos seus produtos quanto o desejo dos brasileiros de conhecer Blumenau e seu povo.

# "ERAM OS DEUSES ASTRONAUTAS"

Alfredo Wilhelm

Quem não conhece este best-seller do escritor suíço Erich von Däniken? Seus livros foram publicados numa tiragem de quase 50 milhões de exemplares — editados em 24 países e traduzidos em 31 línguas. Com 917.000 quilômetros de vôo, Erich von Däniken circundou por 23 vezes o globo terrestre.

Para o leitor brasileiro o escritor suíço traz uma grande surpresa: Däniken descobriu aqui mesmo, em nosso país, vestígios dos deuses astronautas. No Piauí — em Sete Cidades — o pesquisador suíço descobre "um caos enorme, igual à Gomorra, aniquilada pelo fogo do céu. Ali as pedras foram destruídas, torradas, fundidas por forças apocalípticas"...

.....  
Rio, 27/02/86

Prezado Sr. Alfredo,

Meu grande amigo Erich — em cuja casa, em Solothurn (Suíça), estive até ontem — me pediu que lhe enviasse os livros anexos para sua biblioteca os quais ele autografou e espera que sejam de interesse e úteis à população de Blumenau. — Aliás, ele chegou a pensar em conhecer sua linda cidade quando de sua próxima viagem ao Brasil.

Privando da amizade de Erich há mais de 15 anos e tendo inclusive organizado a 4ª. Conferência Mundial da A.A.S. no R.J. em 1977 no Hotel Nacional, no Rio, ele me confiou a tarefa de desenvolver para o Brasil o Ramo da Sociedade, o que pretendo fazer dentro dos próximos 30/60 dias.

Desse modo peço que divulgue ao máximo, dentro do possível, na "Biblioteca Dr. Fritz Müller" de Blumenau o endereço da A.A.S. em benefício mútuo.

Antecipadamente grato,

Eduardo B. Chaves

.....  
**A.A.S. (ANCIENT ASTRONAUT SOCIETY)**

Uma organização exclusivamente com objetivos literários e educacionais, sem fins lucrativos e isento de impostos.

Os objetivos desta organização são a busca da prova para se determinar se a terra foi outrora visitada por seres extra-terrestres e se uma civilização altamente desenvolvida existiu na terra antes do que registra a História conhecida até então.

Por favor, escreva diretamente para A.A.S. para obter informações de como tornar-se sócio e eventualmente receber um exemplar do boletim informativo gratuitamente, denominado ANCIENT SKIES.

O endereço da seção encarregada, na sua área é:

A. A. S.

Caixa Postal, 60034

20972 Rio de Janeiro — RJ

# AUTORES CATARINENSES

ENÉAS ATHANÁZIO

“A literatura catarinense em busca da identidade — o conto”, esperado livro do crítico e escritor gaúcho Antonio Hohlfeldt, me parece o trabalho mais importante até agora iniciado para um exame de conjunto da contística catarinense e que deverá prosseguir em novos volumes a serem publicados. Publicado pela Editora Movimento, em convênio com o INL, o livro aborda a obra ficcional de Adolfo Boos Júnior (recentemente premiado na Bienal Nestlé de Literatura), Deonísio da Silva, Edla van Steen, Edson Ubaldó, Emanuel Medeiros Vieira, Enéas Athanázio, Flávio Cardozo, Glauco Rodrigues Corrêa, Holdemar Menezes, Salim Miguel e Silveira de Souza. Acompanhando passo a passo o que se produz neste Estado, de longos anos, o autor examina a obra desses contistas livro a livro, conto a conto, mostrando a nossa realidade através do conto e apontando aspectos que nós mesmos — talvez por serem fatos contemporâneos e em razão da proximidade — não havíamos observado. Crítico arguto e exigente, Hohlfeldt presta relevante serviço às nossas letras e sem dúvida há de ter desagradado a muitos “consagrados” que ficaram de fora da obra. Esperamos que venham logo os novos volumes prometidos.

— . — . — . — . — . — . —

“Aniba e outros povos”, de Fernando Tokarski, publicado por FCC Edições, conquistou o prêmio do concurso de contos Virgílio Várzea, promovido pela Fundação Catarinense de Cultura, em 1984. O volume reúne 16 estórias, em sua maioria bem curtas, e revela aos leitores um novo regionalismo, não apenas pela linguagem (que é a própria língua falada), como pela presença das coisas da região, em especial no meio de origem polonesa no norte do Estado, e também pela forma de concepção da história. Tudo isso exige do leitor uma atenção especial pelo inusitado, mas após o primeiro contato a gente vai entendendo e todo o panorama físico e social vai se desdobrando aos nossos olhos. Espero que os críticos examinem essa obra com cuidado e vejam o que ela tem de novo, não se limitando às meras notas que contumam saudar o aparecimento de novas publicações em Santa Catarina.

— . — . — . — . — . — . —

“Portas que se abrem” é um livro memorialístico de Edltraud Zimmermann Fonseca, publicado por Edições Paulinas, de S. Paulo (1984). Como esclarece a Editora, “não é romance, não é ficção. É a história real da própria autora que, com o corpo deformado pelo fogo, conseguiu atravessar o mar do desespero, da solidão, das dores e dos sofrimentos para chegar, com muita fé, otimismo, coragem e a-



## **Economia - Indústria: - Comércio no passado**

**Der Urwaldsbote — ano 25 — n.º. 30 — sexta-feira, 12 de outubro de 1917.**

### **EMPRESA GARCIA-PROBST**

A tecelagem e fiação localizada no Garcia e que surgiu da fundação do Senhor Gustav Roeder, falecido na América do Norte e depois comprada pela firma Probst estava há tempo passando por sérias dificuldades e não conseguia desenvolver-se satisfatoriamente por falta de capital. Por este motivo a empresa foi transformada numa sociedade anônima na qual empenharam-se firmas capitalistas de Curitiba. A tecelagem foi adicionada uma fiação mas o desenvolvimento se fez esperar. Senhor Julius Probst afastou-se da direção e a mesma foi confiada ao senhor Ernest Mendel que deu início aos trabalhos de saneamento. Mas como entre as duas partes acionistas igualmente fortes em capital aconteceu uma divergência sobre a direção que devido o seu prosseguimento pode até levar a uma paralização de atividades, apesar de que todos os pedidos estão por fazer. É portanto preciso aplaudir os esforços do Dr. Victor Konder que conseguiu sanar as dificuldades em que o grupo Probst-Sachtleben foi vendido e adquirido pelo Grupo Hauer-Schmidlin.

No mesmo jornal é publicado a Ata da Assembléia Geral Extraordinária da Empresa Industrial Garcia-Probst realizada no dia 6 de outubro de 1917.

—————(((—)))—————

**Der Urwaldsbote: ano 29 — n.º. 25 — terça-feira, 27 de setembro de 1921.**

### **UMA GRANDE CONSTRUÇÃO**

A firma Hoepke de Florianópolis vai construir em Blumenau uma filial de seu estabelecimento no terreno adquirido da firma Salinger & Cia. e mais a casa residencial do Conselheiro do Tribunal senhor Ayres Gama. Será uma grande casa de comércio. Da construção estão encarregados os arquitetos Mayer e Dötsch.

—————(((—)))—————

**Comércio de Blumenau: ano 2 n.º. 6 — terça-feira, 25 de fevereiro de 1919.**

### **ENERGIA ELÉTRICA EM JARAGUÁ**

Inaugurou-se no domingo a iluminação pública à luz elétrica na sede do distrito de Jaraguá, da qual a concessionária é o Senhor Eduardo Kellermann.

—————(((—)))—————

**Der Urwaldsbote ano 27 — n.º. 33 — sexta-feira 17/Outubro/1919.**

### **LUZ ELÉTRICA EM TIMBÓ**

Como soubemos os moradores de Timbó estão reivindicando luz elétrica também para a sua cidade. Para este fim o empresário Dr.

Benz espera entrar em entendimentos com a Usina do Salto que tem a concessão para a distribuição em todo o município. Os moradores pedem a iluminação também nas ruas, principalmente na ponte Dona Clara que fica um pouco retirada e é perigosa para atravessar durante à noite.

—————(((—)))—————

**Der Urwaldsbote: ano 27 n.º. 27 sexta-feira 26 de outubro de 1919.**

### **TIMBÓ E SUA DATA HISTÓRICA**

Há cinqüenta anos precisamente a 12 de outubro de 1869 o senhor Friedrich Donner foi o primeiro colono a estabelecer-se aqui, iniciou uma colonização proveitosa deste Distrito. Também aqui a perseverança e o espírito de luta alemão arrancou terras férteis da floresta e o que foi alcançado neste meio século está ali para ser visto. Timbó elevou-se a um significativo lugar em nosso município. É portanto justo que os moradores deste lugar desejam comemorar condignamente o dia de sua fundação. Para este fim formou-se uma comissão que está providenciando a mesma.

—————(((—)))—————

**Der Urwaldsbote: ano 30 n.º. 54 — sexta-feira 5/janeiro/1923.**

### **FALECIMENTO:**

No dia 28 de dezembro de 1922, às 6 horas da manhã, após longo período de doença, faleceu o senhor Friedrich Donner, aos 80 anos de idade e considerado o fundador da cidade de Timbó.

---

## *As bodas de diamante do casal Stutzer*

**Ano 28 n.º. 16 — 24/agosto/1920.**

O senhor Otto Stutzer e esposa festejaram ontem em completa saúde suas bodas de diamante. Por este motivo foram amplamente congratulados por parentes e amigos. Assim como o fundador da cidade Otto Stutzer é de Braunschweig. Nasceu a 3 de fevereiro de 1836 e sua esposa nasceu a 17 de novembro de 1841 em Hamburgo. Os dois casaram em Blumenau a 23 de agosto de 1860. O pastor que celebrou a cerimônia foi o Pastor Oswaldo Hesse, o primeiro pastor evangélico da Colônia. O casal teve 6 filhos dos quais cinco ainda vivem, 25 netos e 18 bisnetos participaram da festa.

Aos 20 anos de idade Otto Stutzer emigrou para o Brasil no ano de 1856. Ocupou inúmeros cargos públicos como fiscal, juiz de paz, vereador, procurador do município e superintendente de 1894-1898 e por último tesoureiro de 1903-1915. Em todas as suas atividades soube angariar o respeito e simpatia de todos.

<p><b>CREMER</b> Produtos têxteis e cirúrgicos. Conserva através dos anos o conceito de qualidade superior no que fabrica, garantindo com isso um permanente mercado absorvente nas Américas e noutros continentes, levando em suas etiquetas o nome de Blumenau.</p>
---

## *Era uma vez um simples caminho...*

No princípio havia o Jurapé, que vinha da margem do rio Cachoeira, adentrando a floresta espessa, intocada quase. Não era nem picada — era um simples atalho, um caminho de caçador, o que o engenheiro Jerônimo Coelho e seus companheiros encontraram, em janeiro de 1846, durante os trabalhos de medição das terras aqui pertencentes à Princesa Dona Francisca e seu esposo, o Príncipe de Joinville.

Já lhe tinham dado o nome de Jurapé, os moradores das cercanias, que aqui vinham caçar, subindo pelo atalho, até a altura da atual rua Expedicionário Holz.

Anos depois, a 22 de maio de 1850, aqui aportou um barco, trazendo o engenheiro alemão Hermann Guenther, encarregado pela Sociedade Colonizadora em Hamburgo de proceder a medição dos lotes da Colônia a ser fundada e fazer os preparativos para a recepção da primeira leva de imigrantes, de Hamburgo. Vinha o engenheiro acompanhado do francês Leonce Aubé, representante do Príncipe de Joinville e de dois casais, um sueco e outro alemão — ambos com filho pequeno — convidados no Rio de Janeiro pelo engenheiro Guenther, para o trabalho pioneiro na floresta, e vinha também o cozinheiro de Léonce Aubé, o suíço Louis Duvoisin.

Desembarcou aquele grupo de pioneiros exatamente no nascedouro do caminho de Jurapé, onde então existia um rancho habitado por um francês de nome Frontin, antigo morador da fracassada colônia do Saí. O engenheiro Guenther decidiu iniciar ali mesmo a sua tarefa e é de se crer que o tenha feito precisamente por ali já encontrar pelo menos um leve traço de civilização, embora a área — baixa e alagadiça — não fosse a mais apropriada para a localização do núcleo colonial.

Vê-se, pois, que estava escrito que tudo começaria ali, no início da atual rua Nove de Março; à margem do rio Cachoeira, de águas límpidas, piscosas, cristalinas. . .

E assim, 10 meses mais tarde, a 9 de março de 1851, a primeira leva de imigrantes veio subindo pela picada Jurapé, então já alargada, para chegar aos ranchos de recepção. E já existia então uma clareira, ampla e promissora, na confluência das atuais ruas Nove de Março, Dr. João Colin, Visconde de Taunay e avenida Juscelino Kubitschek — a Clareira do Jurapé.

E, por ser a rua do desembarque, os imigrantes lhe deram logo o nome de "Hafenstrasse" ou rua do Porto — nome que ficou até o início deste século, quando foi mudado para rua Nove de Março. No entanto, a Nove de Março, então e durante várias décadas, ia apenas até a esquina da atual rua Dr. João Colin. A partir dali, o nome era "Lilienstrasse" ou rua dos Lírios, devido à quantidade enorme de lírios do brejo, ali florescentes nas valetas da rua e nos terrenos baldios, enchendo de perfume delicioso todo o redor. A "Lilienstrasse" ia até pouco além da atual rua Henrique Meyer — a então "Storrers-

trasse" ou rua do Storrer, assim chamada por morar ali o imigrante Georg Storrer, proprietário de grande área de terra.

Mas — voltemos à nossa Clareira do Jurapé, de onde partia, na direção Norte, uma picada, logo transformada em rua, com o nome de "Nordstrasse" ou rua do Norte, uma das mais importantes vias desde os primórdios da colônia Dona Francisca. Foi ali que se estabeleceram os noruegueses, uma leva de imigrantes, todos homens solteiros, desembarcados também a 9 de março de 1851, procedentes do Rio de Janeiro. Pretendia o grupo ir para a Califórnia, mas em consequência da grave avaria no barco da Noruega, resolveram todos tentar a sorte" na colônia a ser instalada na floresta virgem tropical na província de Santa Catarina. Poucos meses depois, quase todos eles continuaram a sua viagem para a América do Norte, com excessão de alguns, que aqui se radicaram.

A rua do Norte, atual Dr. João Colin, então se estendia até a atual rua Benjamin Constant, onde — em ângulo reto — dobrava para a esquerda, continuando com o nome de "Nordstrasse" até encontrar a "Schweizerstrasse" ou rua dos Suíços, preferida pelos imigrantes suíços. A "Schweizerstrasse", muito extensa e extremamente sinuosa, partia do alto da atual rua Quinze de Novembro, o antigo e histórico "Mittelweg" ou Caminho do Meio, na altura da atual rua Marechal Hermes.

Mas — voltemos à nossa Clareira do Jurapé, de onde partia a "Nordstrasse", que em seu trecho inicial, até a esquina da atual rua Princesa Isabel, durante muito tempo se chamava "Friedrichstrasse" ou rua Frederico, provavelmente porque ali, na esquina da atual Princesa Isabel, se achava a indústria de sabão e residência de Friedrich Schlemm. Mais tarde o mesmo trecho teve o nome de rua Cruzeiro e mais tarde ainda, a rua do Norte em toda a sua extensão, recebeu o nome de Duque de Caxias. Após o falecimento do prefeito Dr. João Colin, mais uma vez a denominação foi mudada, para rua Dr. João Colin.

No final da antiga "Friedrichstrasse" entrava a "Auguststrasse" ou rua Augusto, hoje Mário Lobo, que deveu o seu primeiro nome, talvez, ao comerciante August Urban, estabelecido naquela esquina, exatamente defronte à atual rua Princesa Isabel, no início chamada "Obere Hafenstrasse" ou rua do Porto de Cima. Mais tarde passou a ser "Cachoeirastrasse", ou rua da Cachoeira e assim ficou durante muitos anos e durante muitos anos foi a rua do comércio e dos comerciantes, a rua onde se localizavam a agência do correio e a estação telegráfica, além de ser palco de grandes acontecimentos de nossa História.

Foi ali na esquina da "Nordstrasse" e da "Cachoeirastrasse", que se localizava o Salão Ravache, o famoso salão de festas das sociedades recreativas e culturais, que iam surgindo. O Salão Ravache, com o seu minúsculo e insubstituível palco, no qual se apresentaram os primeiros espetáculos de teatro amador da "Harmonie-Gesellschaft" (Sociedade Harmonia) e da Sociedade "Thalia".

Foi no Salão Ravache, onde os nossos 23 voluntários — imigrantes alemães e suíços — se reuniram na noite de 29 de outubro de 1865.

para o jantar de despedida antes de partirem, levando a bandeira do Brasil aos campos de batalha do Paraguai.

E foi na "Cachoeirastrasse" que, a 7 de agosto de 1864 se realizaram as cerimônias de inauguração do templo evangélico, ainda hoje existente ao lado do prédio da antiga Escola Alemã, hoje Colégio Bom Jesus. Foi ali, no pátio da igreja e da escola, que a 1.º de novembro de 1893, durante a Revolução Federalista, se reuniram os nossos bombeiros voluntários, os atiradores da sociedade de tiro ao alvo e os ginastas da Sociedade de Ginástica, para uma tomada de posição, em face da chegada do General Piragibe, um dos chefes federalistas, e diante de sua tentativa de recrutamento em Joinville. E foi na rua Cachoeira que teve início a grande Estrada Dona Francisca, de vital importância, não apenas para Joinville, mas para toda a região Norte do Estado de Santa Catarina.

Logo no início da colonização, uma das primeiras vias a serem abertas foi o "Mitelweg" ou Caminho do Meio — hoje rua Quinze de Novembro. Partindo igualmente da rua do Norte, estendia-se, já nos primórdios da Colônia, além da "Schweizerstrasse" e da "Guiguerstrasse" ou rua do Guiguer, a histórica estrada que teve o seu nome ligado a um personagem de marcante atuação na vida sócio-econômica da Colônia Dona Francisca. Arthur Guiguer era cônsul de Hamburgo no Rio de Janeiro e embora não residisse em Joinville, aqui adquiriu vastas áreas de terra, instalando famílias suíças em pequenas glebas ao longo da importantíssima estrada, que mais tarde e durante muitos anos, ostentou o seu nome e que hoje se chama rua Colon.

A Estrada Guiguer, já desde o início quase teve ligação com o extremo da "Deutsche Strasse" ou rua Alemã, a longa picada a se iniciar igualmente na Clareira do Jurapé, em direção oposta à rua do Norte. E a nossa atual rua Visconde de Taunay, que nasceu como "Mathiaspikade" ou picada do Mathias, pois ia acompanhando em seu traçado a margem do ribeirão Mathias, o nosso tão famoso, tão difamado e tão querido ribeirão. Foi ao longo da "Mathiaspikade" que os imigrantes alemães se estabeleceram de preferência e por esta razão lhe deram o nome de "Deutsche Strasse" assim continuando até outubro de 1917 quando, em plena I Guerra Mundial, um de nossos navios mercantes foi traiçoeiramente afundado por um submarino que, segundo declaração do comandante Saturnino de Mendonça, teria sido alemão. Em consequência de tão grave acusação, o Brasil de um momento para outro, se viu envolvido na catástrofe, declarando guerra à Alemanha e conseqüentemente o nome de nossa rua Alemã foi alterado para rua Comandante Saturnino de Mendonça. No início da década de 30 porém, a placa mais uma vez foi trocada, a rua recebeu a denominação de Visconde de Taunay, em homenagem ao grande estadista, que muito fez por Joinville, como deputado e como presidente

### **E. A. V. CATARINENSE**

Acha-se integrada na história do pioneirismo dos transportes coletivos em SC

da então Província de Santa Catarina. Segundo consta, o comandante Saturnino de Mendonça teria confessado, que na realidade o submarino atacante, de 15 anos antes, não fora alemão, mas sim um submarino inglês. . .

E mais uma vez estamos de volta à nossa Clareira do Jurapé. De um lado, a rua Alemã, do outro, a rua Norte e a rua dos Lírios a retaguarda. Seguindo pela rua do Porto, passando pela Casa de Direção da Colônia, situada no lugar do atual Jardim Lauro Müller, chega-se à esquina de uma via das mais tradicionais — a “Ziegeleistrasse” ou rua da Olaria, a rua da primeira indústria instalada em Joinville, uma olaria situada no ponto final da rua. É a atual rua do Príncipe, desde os seus primeiros dias testemunha dos passeios dominicais de nossas famílias pioneiras, que ao longo da “Ziegeleistrasse” se deliciavam com a pureza do ar no ambiente sadio da floresta. Testemunha da sacração da primeira igreja católica, a 8 de dezembro de 1867 e das muitas cerimônias religiosas e das solenes procissões. Testemunha de manifestações de alegria e de tristeza, de esperança e de apreensão, testemunha dos grandes desfiles das sociedades, das grandes paradas militares do nosso 13º Batalhão de Caçadores, das imponentes “marchas aux flambeaux” que, em suas centenas de chamas transportadas nos archotes, diziam do calor humano de toda a comunidade joinvilense.

E no final da rua do Príncipe abriu-se a “Peterstrasse” ou rua São Pedro, hoje rua Ministro Calógeras, que terminava na então modesta via, durante longos anos chamada “Marktstrasse” ou rua do Mercado, hoje avenida Cel. Francisco Gomes, assim chamada em homenagem ao então prefeito Francisco Gomes, que residia naquela rua.

E da rua S. Pedro partia a importantíssima “Katharinenstrasse” ou rua Santa Catarina, hoje avenida Getúlio Vargas — importantíssima sobretudo após a construção da Estação da Estrada de Ferro — cartão postal de Joinville.

No início da colonização, a atual rua do Príncipe tinha uma só lateral, que descia até as margens do rio Cachoeira, local bastante utilizado para embarque e desembarque de passageiros e mercadorias, chamado Cais Poschaan, em homenagem a Bernhard Poschaan, personagem das mais destacadas na vida comunitária da Colônia D. Francisca. A rua recebeu o nome de “Untere Hafenstrasse” ou rua do Porto de Baixo, substituído pela denominação “Wasserstrasse” ou rua da Água, nome que ficou durante longos anos, até chamar-se Conselheiro Mafra e, finalmente, Abdon Baptista, em homenagem ao médico e prefeito, residente naquela rua, onde também se localizou, durante muitos anos, a agência do correio, assim como a estação telegráfica.

Aos poucos, foram abertas outras vias transversais da rua do Príncipe, como a “Schulstrasse” ou rua da Escola, atual rua Padre Carlos, que recebeu o seu primeiro nome, porque ali se localizava a Escola Pública, fundada pelo Padre Carlos Boegershausen, no prédio que, durante vários anos, abrigou a Prefeitura Municipal e foi demolido para dar passagem à avenida Juscelino Kubitschek. Da rua da Escola saía a “Bierstrasse” ou rua da Cerveja, a atual rua Jaguaruna,

que recebeu o seu primeiro nome, porque levava à Cervejaria Kuehné, no local do prédio da atual Liga de Sociedades. Do lado oposto, outras laterais da rua do Príncipe foram abertas entre as atuais ruas Abdon Baptista e Nove de Março: as ruas Arago, Humboldt e Paris, atualmente denominadas Marinho Lobo, Três de Maio e Jerônimo Coelho. A atual alameda Brüstlein foi iniciada em 1873, quando as mudinhas de palmeiras, nascidas de sementes vindas do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, foram plantadas pelo procurador e administrador dos bens do Príncipe de Joinville, Frédéric Brüstlein.

E à medida que a cidade foi crescendo e se expandindo em todos os sentidos, foi crescendo o número de vias públicas, que iam recebendo os seus nomes, de maior ou menor significado. Muitas vezes, era o nome do doador do terreno, outras vezes, de acontecimentos ou nomes de pessoas de destaque da História local, nacional ou internacional. Em muitos casos, os nomes originais das nossas ruas foram substituídos, no correr do tempo — muitas vezes por razões inexplicáveis e injustificáveis, riscando simplesmente da memória de Joinville nomes dos mais significativos, como é o caso, por exemplo, da Estrada Guiguer, do antigo Cais Poschaan, da antiga rua Dr. Adolf Haltenhoff, atual rua S. Joaquim, que recebeu o seu primeiro nome em homenagem ao nosso primeiro prefeito, aqui imigrado nos primórdios da colonização e pessoa das mais destacadas das primeiras décadas de nossa História.

E à medida que o número de ruas foi crescendo, as vias antigas foram alargadas, calçadas, modernizadas, os prédios ao longo das antigas picadas demolidas, substituídas, dando a nossa Joinville o aspecto de cidade moderna e, ao mesmo tempo, tradicional e acolhedora, que é uma de suas características principais.

**Elly Herkenhoff**

---

## *Em questão, o museu do tecelão*

Estamos vivendo um período de reconhecimento das raízes coloniais e seu resultado imediato é a constituição de acervos museológicos por grupos locais, quase todos atrelados à indústria do turismo. Colhemos esta impressão num giro pelas terras catarinenses recentemente. Até o mais distante município tem hoje um local onde são colocadas as peças de valor para a comunidade. Chamam de museu. É elogiável esta iniciativa. E os objetivos são alcançados: mostrar a atividade econômica ou social da comunidade passada. O visitante tem noção do município pelo que aí observa. Noção esta que se espraia numa atitude de valorização do presente. Algumas destas iniciativas estão relacionadas à preservação arquitetônica do lugar.

Várias iniciativas estão no Vale do Itajaí onde há muito para se preservar da destruição imobiliária. O vale é rico, principalmente sua área rural. Aliás, os promotores do turismo percebem que o visitante compra mais malha, leva mais cristal, mais brinquedos e bebe

mais chop quando passa a entender as raízes desta gente. A força de trabalho do povo. O espírito de luta nas épocas de emergência. Vir a Blumenau hoje é participar dos desfiles folclóricos, ouvir música popular alemã, prestigiar as promoções dos Clubes de Caça e Tiro, visitar o Museu da Família Colonial...

De igual modo, vir a Brusque sem passar pelo comércio dos tecidos, das confecções, etc. é não entender sua gente. O visitante precisa ir a Azambuja, orar no santuário, beber água da gruta, visitar o museu de arte sacra popular. Precisa subir a Caixa D'água, almoçar marreco com repolho roxo e churrasco com palmito.

Inspirado nesta realidade de que o visitante turista precisa sentir a realidade local da comunidade, pensa-se hoje na constituição do Museu do Tecelão, cujo acervo reuniria teares manuais e mecânicos antigos, mostruários e catálogos passados, máquinas e equipamentos antigos e ultrapassados, lançadeiras, evolução do fio de algodão, etc. Algo material que permitiria visualizar o progresso de nossas indústrias de fiação, malharia e tecelagem. Muitas das indústrias têm seu acervo particular, nem que seja o primeiro exemplar de máquina com que trabalhou. Faltaria apresentar ao público, criar uma imagem da evolução industrial. Estas peças poderiam ser cedidas, com direito de posse, ou doadas ao Museu do Tecelão. Lá estariam expostas e representariam aquela empresa.

Dois encontros recentes nos despertaram a atenção para a criação de um museu regional. O primeiro deles aconteceu num almoço e que contou com a presença do Sr. Laércio Knhis, de quem tomo a liberdade de usar suas idéias. Há a necessidade de se criar um Centro de Lazer para o Empregado de Fiação e Tecelagem. Mais que um centro esportivo. Alguma coisa que cultural, social, e de lazer para toda a sua família. Entre as formas mais úteis, estaria a organização de um Museu do Tecelão. Haveria chance da família conhecer o processo de fabricação de uma camisa, uma toalha. De mostrar para o filho, com muito orgulho, o tear onde o pai trabalhou, o avô... A simples troca de idéias sobre a tarefa já congraçaria a todos.

O segundo encontro aconteceu em Blumenau, na reunião do dia 10/10/85 da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. A palestrante foi a Dr<sup>o</sup>. Maria Luiza Renaux Hering que discorreu inteligentemente sobre a evolução do capital empresarial na região do Vale do Itajaí e seu significado para a atualidade. A palestrante foi interpelada, após, por um ouvinte que lhe perguntou qual a razão de nossa região ainda não dispor de mecanismos que promovam a cultura e a tradição das empresas de fiação e tecelagem, se é que assim se pode dizer. Não há museus, centros de pesquisa e desenvolvimento de produtos, educação escolar voltada para as empresas da região, fabricantes de máquinas de fiação e tecelagem e até periódicos assinados por articulistas locais. Percebe-se que a tradição lusa, no litoral catarinense, identifica os elementos que dela participam. Assim, filho de pescador é pescador. Será que o filho de tecelão é atraído pela pro-

fissão do pai? Será que a mãe encara a tarefa do pai como honesta e útil para o filho?

O Museu do Tecelão representaria a força de trabalho da região. O visitante turista conheceria a evolução do lugar, o processo de fiação e tecelagem, enfim, entenderia o esforço que se dispense nas tarefas. Seria uma forma de vender a imagem da região a baixo custo.

### Como organizar o museu?

A constituição de um museu nos faz pensar em alguns pontos importantes, a saber:

a) **base econômica** — é uma instituição sem fins lucrativos mas que precisa de amparo financeiro. Este poderia vir da empresa participante, a título de manutenção regular de seu maquinário exposto. Ou ainda, de deduções do imposto a pagar com custos de desenvolvimento de pessoal, como se faz com treinamento. A outra parte viria de entradas dos visitantes.

b) **subordinação** — a instituição presta-se ao complemento de escolas, universidades, centros de pesquisas e formação de recursos humanos. Ela promove a educação permanente da área. Portanto, melhor subordiná-la à administração privada.

c) **local e prédio** — a escolher o município mais representativo e em especial localizá-lo em área comercial, por exemplo.

d) **recursos humanos** — composto de um técnico conservacionista, auxiliares e um vigilante. Seriam contratados pela própria instituição, ou cedidos por empresa participante. Outra alternativa seria através da Prefeitura Municipal.

Diante de todas estas exigências, parece difícil concretizar um empreendimento deste porte sem a participação das empresas, ou da universidade. Talvez ainda a melhor alternativa seria não realizar um museu independente, senão alocá-lo em algum já existente. Bastaria fornecer uma base econômica a ele e este se encarregaria de providenciar espaço para exposição, realizar pesquisas, manter bibliografia e divulgar eventos da área. Criar mais um museu e deixá-lo à própria sorte não é boa iniciativa. Não se deve instituir nada que possa onerar ou dificultar a vida futura da comunidade. Então, o melhor ainda é providenciar espaço em museu já existente; por exemplo, o da casa Dr. Blumenau. E por que não o de Azambuja que dispõe de sala para exposição? E por que não ampliar o de Joinville?

A instituição de um Museu do Tecelão seria excelente oportunidade de se promover no espírito dos mais jovens o orgulho pelas tarefas de fiação e tecelagem. E não perder esta característica passada pelos serviços do setor terciário, tão atrativos atualmente.

O museu não é a sucata da indústria têxtil e de confecção. Há mais que isso. É não perder as raízes econômicas e entender o modelo capitalista local. É preciso promover o "espírito de tecelão". O pai precisa levar seu filho a entender e valorizar o trabalho dos antepassados. Teríamos condições em futuro muito próximo de oferecer melhor e maior ensino profissionalizante têxtil e de confecção, centros

de pesquisa de qualidade para indústria têxtil, oportunidade de atrair a atenção do turismo, especificamente para o comércio, de editoração de revista nesta área e desenvolvimento tecnológico de primeira linha. Dentro destas linhas se conhece hoje o Museu do Tecelão.

Aloisius Carlos Lauth

Museu Arquidiocesano D. Joaquim — Brusque.

## O que a imprensa *historiou* no passado

DER URWALDSBOTE — ano 34 n.º. 29 — sexta-feira, 8/outubro/1923.

### RELATÓRIO DO ENG. AUGUSTO WUNDERWALD

Viagens da Colônia Blumenau para o Vale dos rios Benedito e Cedros, entre os dias 10 a 27 de fevereiro no ano de 1863.

“Depois que prestei meu relatório ao Diretor da Colônia Dr. Blumenau, nos dias 6 a 9 de fevereiro sobre a expedição do Rio do Teste fiz os preparativos para a expedição no Vale, para dizer melhor na região fluvial do rio Benedito.

Terça-feira dia 10 de fevereiro segui da Colônia Blumenau para a serraria no Salto de onde no dia seguinte, seguiria na margem norte do Rio Itajaí. Com o cair da noite alcancei a Barra do Rio Benedito. No dia seguinte a 12 de fevereiro, segui de canoa o Rio Benedito acima e cheguei à tarde na embocadura do Rio Cedro no Rio Benedito. A distância da Barra do Rio Benedito até aqui é de aproximadamente 4.000 braças; o rio tem uma largura de cerca 30 braças e pode ser seguido acima sem nenhuma dificuldade. A terra em ambos os lados nas margens é alta e não sofre com as enchentes, de forma que pode ser usada sem interrupção para a agricultura.

Sexta-feira dia 13 de fevereiro — continuei a viagem por canoa o Rio Benedito acima. Primeiramente minha impressão, devido ao tamanho do Rio, bem como de sua direção fortificada, é que o Rio Benedito fosse aquele rio que corria no largo vale ao norte do Rio do Teste, em direção oeste e sul e lá divide as regiões fluviais do Rio do Teste e Jaraguá, formando assim a fronteira entre os afluentes do Rio Itajaí e Rio Itapocu. Mas no dia seguinte o Rio Benedito tinha uma direção leste tão acentuada que logo percebi que não podia vir das fontes norte Rio do Teste, e menos ainda quando as montanhas no norte do Rio aos poucos se avolumam em altas massas montanhosas, sempre mais próximas ao Rio. Os morros localizados ao sul que dividem o Benedito do Rio Itajaí, elevam-se mais junto ao Rio Benedito, também em compacta massa montanhosa. A primeira ampla planície do Rio Benedito desaparece mais e mais até que de repente se formam altas montanhas que caem de ambos os lados para dentro do Rio.

Logo que a direção do rio permite uma visão mais ampla em direção oeste vi que o vale nesta direção eleva-se sempre mais de ambos os lados limitando por íngremes aspectos serranos, que em signi-

ficativas distâncias uniam-se a um planalto do qual o rio Benedito caía caudaloso num rasgado vale. Apesar de ter ficado convicto com esta visão à distância de que o rio Benedito não era aquele rio cujo vale que eu pretendia seguir desde as nascentes do Rio do Testo, e que em bem menos tempo teria alcançado o meu objetivo se eu tivesse seguido o Rio do Cedro em vez do Benedito acima. Mas cheguei à conclusão que seria melhor continuarmos a seguir agora o Rio Benedito para certificar-me o que, com esta vasta área ainda poderia acontecer em 1 ou 2 dias.

Continuei a viagem, rio acima até domingo dia 15 de fevereiro, alcançando terreno tão selvagem e rasgado que não foi possível continuar de canoa, porque o rio vinha interrompido por maiores ou menores quedas d'água, por cima e por meio meio de rochas. Deixei portanto construir uma cabana e continuei a viagem a pé cerca de 500 braças vale acima, onde por uma visão livre em direção oeste que o vale fluvial tinha mais ou menos um comprimento de 2.000 braças, elevando-se até a altura da serra de ambos os lados e estava circundado por penhascos rochosos entre os quais o Rio Benedito em parte caía em grandes cascatas, cujo troar das águas podia-se ouvir à distância. Convicto de que prosseguir viagem seria impossível, voltei à noite até a cabana, para no dia seguinte descer outra vez o Rio Benedito até a Barra do Rio Cedro e depois seguir este rio.

Da barra do rio Benedito até o ponto do qual empreendi o retorno é uma distância de 10.000 braças.

Segunda-feira 16 de fevereiro: — bem cedo continuei descendo o rio para que, se fosse possível, à noite alcançar a Barra do Rio Cedro. Acima da cabana n.º 2 o rio tem entreligado maiores e menores quedas d'água que finalmente formam um profundo poço com um diâmetro de cerca de 50 braças. Toda a nossa bagagem tivemos que deixar acima das quedas e continuar pela floresta para o lado norte do poço onde encontrava-se a cabana n.º 2 e para lá transportamos o nosso equipamento. Depois que isto aconteceu meus 3 companheiros, desceram amarrados a fortes cordas a canoa pela margem, mas em pouco tempo também tiveram que cair na água, porque ao longo do rio não seria mais possível devido a margem alta e rochosa. Às vezes na água até o pescoço e outras vezes nadando de rocha em rocha, a viagem primeiro ia bem até onde o rio se tornava caudaloso e profundo, os operários precisavam nadar maiores distâncias, a canoa e as cordas foram arrebatadas pela violência das águas. Os operários não conseguiram segurar a canoa que agora era atirada nas rochas, encheu-se de água e por fim virou desaparecendo. Uma perda bem sensível considerando a prosseguimento da viagem. Depois que resgatamos mediante o auxílio de um cipó trançado, um operário que estava em perigo de vida, seguimos o caminho que nossa canoa tinha tomado e para nossa alegria no meio de um poço mais abaixo e em águas menos revoltas boiava virada a nossa canoa. Procuramos puxá-la para a terra firme antes que desaparecesse definitivamente, mas infelizmente estava em estado deplorável; amarramos o que restou com cipós, fechamos as frestas com trapos de nossas próprias camisas e barro. Logo

colocamos na água, mas de nada adiantaram nossos esforços, ela logo tornou-se um meio de transporte muito precário para nossos ainda quatro dias de viagens.

Para o prosseguimento de nossa exploração necessitávamos de uma canoa mais resistente. Fui assim obrigado a enviar dois homens na canoa precária até a Serraria no Rio Itajaí para conseguir uma canoa melhor. Apreensivo vi os homens partir, em parte pelo atraso que traria a nossa viagem e em segundo lugar pela incerteza da chegada da canoa até a Serraria. O outro caminho que nos restava seria pela floresta, mas seria feito com enormes dificuldades e levaria bem mais tempo.

Depois que os dois canoieiros partiram, não sem levar uma bagagem considerável de recomendações, vi a canoa desaparecer na próxima curva. Junto com meus homens instalamo-nos por tempo indeterminado na cabana nº. 11. Aproveitei o tempo para escalar as montanhas mais próximas onde talvez se apresentaria um panorama mais amplo da região para o vale fluvial do Rio do Cedro, o que era o objetivo de toda a minha viagem.

Depois que abri uma picada de cerca de 1.080 braças consegui finalmente observar e estudar a região. Do norte para o sudoeste correm significativas elevações em direção ao Itajaí e caíam em regiões planas. Nesta direção não localiza-se maior vale plano, ao contrário as montanhas correm paralelamente e são divididas apenas por profundas frestas. Na distância que não se pode precisar a linha do oriente é limitada por uma cadeia de serras. Entre as elevações mais próximas a esta serra parece localizar-se um maior planalto porque a diferença de distâncias é acentuada e não aumenta de montanha em montanha, mas é interrompida por milhas de distância por um terreno plano que encontra-se mais baixo do que as elevações mais próximas e distantes. As montanhas localizadas mais próximo ao Rio Benedito e Rio Itajaí formam unidas para o norte uma extensa planície na qual localizavam-se as nascentes do Rio Benedito. Desta assim como para sudoeste correm planícies maiores e menores cadeias de montanhas e formam assim o vale do Rio dos Cedros. A anterior citada planície a meu ver é uma vista do prolongamento oeste da serra dos Bois, que no Itapocu de cima eleva-se repentinamente da planície, estende-se mais para o oeste de onde correm os Rios Novo, Itapocu e o Itapocuzinho. A oeste para as planícies do camo da Província do Paraná, a planície é limitada pelo Rio Negro como já constatee na minha primeira expedição feita à Serra. Eu subi ali o Rio Turvo que logo desemboca no Rio Negro, alcança a Serra Leste e chega de lá também o plan-teau extenso do norte e do sul que eu podia avistar do Rio Benedito. Da direção noroeste se estendem aqueles vales que formam o vale fluvial do Rio Cedro e onde forma-se a melhor comunicação entre o Rio Itajaí e o Jaraguá. Estes vales unem-se para extensas planícies do Cedro, que é limitado em toda sua extensão de norte a sul por uma cadeia de montanhas que localizam-se entre o Rio Cedro e o Rio do Tes-to em direção ao Rio Itajaí num terreno irregular.

Depois que fiz alguns desenhos sobre esta região do Rio dos

Cedros, precisei aguardar o regresso dos canoeiros com a nova. Finalmente no dia 20 de fevereiro voltaram os dois operários com uma boa canoa. No dia seguinte partimos cedo da cabana e alcançamos ao meio-dia o Salto que fica logo acima da Barra do Rio Cedros no Rio Benedito. Depois de carregarmos uma boa parte de nosso equipamento pela floresta até o Poço, meus operários consideraram a continuação da canoa com o resto totalmente seguro pelo Salto. Paimando a canoa por fortes cipós, poço a dentro para as águas das quedas, mas infelizmente a força das águas era demais e arrastou nossa canoa, virando-a, todos os nossos pertences foram atirados para longe, apesar de solidamente amarrados e desapareceram nas águas revoltas do poço. O prejuízo foi duro, pois fará falta; perdemos as provisões de carne seca, café, açúcar, feijão, arroz e sal, machados, panelas, etc... Mas conseguimos salvar algumas armas e munições e farinha. Depois de uma procura inútil no fundo do poço por nossos pertences, foi preciso buscar mais o necessário na Barra do Rio Benedito. Fiquei esperando na Cabana I pelo regresso dos homens. Domingo 22 de fevereiro, na parte da manhã regressaram os homens com um pouco de sal, café e um machado. Continuamos logo nossa viagem no Rio Cedro, percorrendo neste dia 2.000 braças. No dia seguinte 7.000 braças; assim percorri o Rio Cedros um total de 9.000 braças.

Depois de ter feito várias anotações e desenhos da região, partimos no dia seguinte 26 de fevereiro. A nossa viagem total aos rios, Itajaí, Benedito e Cedros levou para ida e volta exatamente 18 dias. Depois prestei amplo relatório ao Diretor da Colônia Dr. Blumenau. Parti no dia 28 de fevereiro à noite de canoa da Colônia Blumenau para a Colônia D. Francisca onde cheguei no dia 3 de março de 1863."

**Augusto Wunderwald**

(Tradução: Edith S. Eimer).

## **DIA DO COLONO**

**Der Urwaldsbote ano 44 n.º. 7 — sexta-feira, 24 de julho de 1936.**

Foi publicado neste jornal um número festivo para "O DIA DO COLONO" — NOSSO DIA. Artigo de autoria de G.A. Köhler. Consta no artigo um desenho feito por Bernardo Scheidemantel e retocado por Paul Hering. "HUMOR E SÁTIRA DE NOSSOS VELHOS".

Atribuem ao alemão em geral uma grande e sadia dose de bom humor. Ninguém, no entanto, soube transmitir tão bem este humor como Wilhelm Busch; ele contribuiu com seus versos e desenhos para que o humor no estrangeiro também fosse entendido. Sendo o senhor Bernhard Scheidemantel grande amigo deste humorista, nada mais natural que ele também experimentasse este lado humorístico. Foi assim que surgiu este desenho, cujo original foi feito a lápis, copiado para a impressão pelo sr. Paul Hering e gentilmente cedido ao Urwaldsbote.

O desenho representa o seguinte:

O próprio fundador da Colônia Dr. Blumenau coroa o desenho, como se fosse o Papa abençoando a sua obra e num medalhão sustentado por amoretes reconhecemos o antigo centro de Blumenau Colô-

nia, onde se destaca a Ponta Aguda e à frente o primeiro rancho dos imigrantes, a Rua das Palmeiras sem as suas palmeiras plantadas. Da fauna e flora do Brasil o artista tirou puramente para ornamentar animais; fitas entrelaçadas foram colocadas para levar textos de conhecidos ditos alemães que aqui naturalmente tem relação com a obra de Dr. Blumenau. Aqui mencionamos apenas os mais importantes, que naquele tempo estavam naturalmente descontentes com o desenvolver do desenvolvimento da Colônia e culpavam o Dr. Blumenau. Eis as frases que continham o desenho crítico de Blumenau Colônia.

"Ao mérito a Coroa! ou as outras"

"O que deve ser bom, leva tempo"

"Se não vens hoje, virás amanhã!"

"Roma não foi construída num dia!"

"O que leva tempo é bom!"

"Sempre devagar sem pressa!"

"Devagar se vai ao longe!"

"Amanhã é outro dia!"

"Tudo à antiga nada de novo!"

Cutros ditos referem-se particularmente a pessoas da época que hoje são difíceis de esclarecer. Interessante ainda é a parte interna onde são representadas duas pás, sendo uma de empreitada e outra do trabalho geral. Logo abaixo deste contém a sala de estudos do Dr. Blumenau e abaixo deste dois cachorros brigam por um osso. Característicos são também dois círculos contidos no desenho sendo que: um representa a farmácia veterinária de Carl W. Friedenreich com os dizeres "Bittern. Pn. Ar. e Kaschas" (Amargosa, porções e cachaça) o outro círculo já é mais esclarecedor: os animais que são desenhados representam pessoas. A vaca gorda representa o Brasil e quem a ordenha é a Colônia Brusque neste mesmo desenho contido no círculo do grande medalhão se vê o Dr. Blumenau correndo com o balde para conseguir tirar o leite da vaca mas não consegue alcançá-la. Nos fundos se vê um cavaleiro que representa Blumenau restituindo o dinheiro não aproveitado. Neste desenho o humor e a sátira se dão a mão e o sr. Bernhard Scheidemantel sonha representá-lo bem. É preciso observar bem este desenho, que hoje tem aproximadamente mais de 100 anos (1986) e se faz necessário traçar paralelos com os dias atuais. O que aqui se critica no fundador da cidade é a economia e exatidão que foram os marcos principais para o desenvolvimento de Blumenau.

## FABRICA DE CHOCOLATE SATURNO

Der Urwaldsbote — ano 44 n.º. 65 — sexta-feira, 12 de fevereiro de 1937.

PÁSCOA:

"Woher hezicht der Osterhase die Ostereier?"

(De onde o coelho da Páscoa consegue os ovos de chocolate?)

"Ein Besnch in eimer Schkoladenfabrik" (Uma visita à uma fábrica de chocolate).

Aos poucos está chegando novamente o tempo em que as vitri-

nas de nossas casas comerciais enfeitam-se com ovos e coelhos alegres e coloridos. Figuras de massa pão das mais coloridas e diversas, assim como muitos doces enfeitam as vitrinas; os olhos das crianças brilham com a expectativa da chegada do coelho.

Mas de onde o coelho consegue todas estas coisas?

Há muito tempo já passou esta época em que era comum distribuir ovos coloridos às crianças. Os ovos eram de aves artificialmente pintados (galinhas).

Assim como o bicho da seda e o carneiro não conseguem mais fornecer seus produtos para atender às necessidades da humanidade de hoje, a galinha também se viu impossibilitada no fornecimento de ovos e a modernização encarregou deste trabalho uma fábrica de chocolate. Foi por isto de grande interesse para nós podermos visitar a moderna Fábrica de Chocolate "Saturno" dos Irmãos Eimer.

A simples construção de um andar na primeira vista não dá a impressão de uma grande fábrica. Mas ao entrarmos em suas dependências e vendo a enorme variedade de produtos, nós nos certificamos que estamos numa fábrica de chocolate. Uma fábrica que não fica atrás das grandes de São Paulo ou Rio de Janeiro.

Como é do conhecimento geral, o cacau é a matéria prima para o fabrico de chocolate. O cacaeiro (*Theodroma*) já era conhecido pelos velhos astecas do México e aqui no Brasil é plantado em grande escala principalmente na Bahia. Muitos sacos de cacau vindos de Ilhéus na Bahia estão estocados numa dependência especial da fábrica. Depois de torradas as sementes passam por várias máquinas e processos até chegar ao ponto de chocolate. A massa mais ou menos liquefeita e cremosa é colocada em formas, levadas à sala frigorífica e mais tarde embaladas. Os mais diversos ingredientes e assessórios dão ao chocolate seu gosto específico. A mistura precisa ser tão homogênea e que se derreta na língua.

Depois da sala de embalagem é acondicionada em caixas de papelão ou madeira sendo transportada para os diversos rincões do Município e do Estado.

Seguem no transporte não só ovos de páscoa mas também coelhos, pralinés e bombons. Durante todo o ano crianças e adultos se deliciam com os gostosos chocolates."

**BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S. A.**

**banespa**

Um dos colaboradores nas edições desta revista

# Figuras do Passado

## ALICE HERING — PIONEIRA DE NOVAS INDÚSTRIAS EM BLUMENAU.

A 30 de Novembro de 1985 faleceu em Blumenau a viúva Alice Hering, que, sem favor algum, podemos qualificar de pioneira de novos ramos de indústrias blumenauenses, que conquistaram fama no Brasil e no exterior.

Alice Hering nasceu em Blumenau a 26 de janeiro de 1899, como filha do casal Paul e Frieda Husadel, da família Clasen. Sua formação escolar teve na antiga "Escola Nova" de Blumenau, cujo currículo cursou até a última classe, denominada "selecta". A 27 de março de 1920 consorciou-se com Alfredo Hering, filho de Paulo e Charlotte Hering. Seu esposo, associando-se com seu sogro Paul Husadel, fundou em março de 1924, sob a razão de "Alfred Hering & Cia." uma fábrica de gaitas de boca, novo empreendimento industrial blumenauense, único na América do Sul, pois até então gaitas de boca somente eram fabricadas na Alemanha e América do Norte. — Um pequeno alpendre, transformado em oficina, nos fundos de sua residência particular, e 4 operários, este foi o começo deste modesto, porém arrojado empreendimento, cujos produtos vieram, mais tarde, a adquirir renome nacional e internacional. Três anos depois, devido falta de recursos financeiros para se expandir, a firma ficou paralisada por algum tempo, porém, em 1927, a firma transformou-se em sociedade anônima, sob a denominação "Fábrica de Gaitas Alfred Hering S.A.". Com a injeção de novo capital tomou novo alento. Quando, alguns anos depois, Alfredo Hering, por motivo de doença, deixou a direção da fábrica, sua esposa Alice Hering, que desde a fundação da mesma cooperava ativamente com seu marido e estava bem a par e familiarizada com tudo, assumiu a direção da mesma e levou o empreendimento avante. Em agosto de 1937 Alfredo Hering veio a falecer e surgiram então para a viúva, com os seus 4 filhos menores, sérios problemas econômicos. Por ocasião da transformação da firma em sociedade anônima, Alfredo Hering teve que assumir certos compromissos financeiros e, no inventário do espólio do casal, os seus credores vieram habilitar seus créditos e requerer a liquidação dos mesmos. Desamparada e com o encargo de quatro filhos menores, em idade escolar, e a direção da fábrica, teve que enfrentar todas estas dificuldades. Mas com pertinaz persistência e uma energia incansável, enfrentou todas as dificuldades, conseguindo não só preservar para seus 4 filhos menores a herança paterna e dar-lhes oportunidade de bons estudos, como também levar avante a fábrica de gaitas de boca, ampliando os seus produtos com a iniciação da fabricação de acordeões, harmônios elétricos e pequenos órgãos, os quais, principalmente as gaitas de bocas, em seus variados tipos e tamanhos, alcançaram não só no país, como também no exterior — Argentina, México, América do Norte e vários países europeus, — boa aceitação e procura. Durante a se-

gunda guerra mundial, quando muitas indústrias locais, lutavam com dificuldades para produção ou exportação, em face da malfadada "Lista Negra", o próprio exército americano importou as conhecidas "Gaitas Hering" para entretenimento de seus soldados em campanha e assim a Fábrica de Gaitas pôde superar também esta crise. Dest'arte esta indústria prosperava cada vez mais e necessitava de maiores espaços para seu parque industrial e mais amplas edificações para seus variados produtos enquanto que seu número de operários crescia constantemente, dando meio de vida a centenas de famílias. Por muitos anos Dona Alice Hering presidiu esta empresa incentivando ativamente o seu desenvolvimento, até que, sobrecarregada devido a direção de outra importante empresa por ela criada, entregou o seu cargo a outra pessoa.

Durante uma de suas viagens à Europa, Da. Alice visitou também uma fábrica de cristais e, entusiasmada com o que vira, inspirou-se na idéia de fundar também em Blumenau uma empresa desse gênero, aqui inédita. Decidindo-se para tal, tratou logo de contratar um técnico competente do ramo, adquiriu o maquinário indispensável e fundou, em 1950, aqui em Blumenau a primeira fábrica de cristais sob a razão social de "Cristais Certel Ltda." com um capital inicial de 420 Contos de Réis e a contratação de 7 empregados. Porém, já no ano de 1953 transformou essa sua empresa em sociedade anônima, com a denominação de "Cristais Hering S. A." — Do vertiginoso desenvolvimento desse empreendimento pode-se fazer uma idéia, tomando-se em consideração que tendo a fábrica produzido no ano de 1955 cerca de 180.000 peças unitárias, na maioria copos de cristal, nos dias de hoje a produção diária, passou para uma média de 18.000 peças unitárias, o que corresponde a uma produção anual de 6.570.000 peças, sendo de ressaltar que entre estas passaram a constar artísticos vasos, jarras e taças, que demandam mais esmero e tempo de mão-de-obra, subindo ao mesmo tempo para perto de 900 o número de seus empregados e operários. A formação de operadores especializados nesse ramo de indústria da Fábrica de Cristais Hering, contribuiu para que, outros empresários, com o aproveitamento de elementos que com o tempo saíram das "Cristais Hering" ou dela foram recrutados, fundaram outras duas empresas independentes aqui em Blumenau que assim já possui atualmente três fábricas de cristais, todas fluorescentes, produzindo bons artigos, muito apreciados e procurados por turistas e vendidos no comércio local ou exportados para fora do Estado e do País.

Porém não só como pioneira destes dois ramos novos de indústrias acima elucidados, destacou-se Da. Alice Hering. Além de seu trabalho à atividade econômica, ela foi igualmente muito ativa na vida social, participando intimamente de todas as iniciativas locais, chegando a fundar e manter o jardim de infância "Princesa Isabel" que inicialmente funcionava em sua residência particular e passou mais tarde para a Igreja Luterana de Itoupava Seca, instalando-se em prédio próprio, a cuja construção também contribuiu.

Alice Hering foi sempre muito ativa e operante em todas as oportunidades que se lhe apresentavam para servir à comunidade blu-

blumenauense. Foi também co-fundadora e presidente da Sociedade Soroptimista, onde por muitos anos prestou serviços. Aposentada, deixou sua atividade efetiva à testa da empresa "Cristais Hering", mas acompanhando o desenvolvimento da mesma, com interesse até o final de sua vida. Vivendo na tranqüilidade de sua residência, conservou até o seu final sua lucidez e relativa disposição física. Gostava de receber visitas e conversar sobre os tempos de sua infância, suas viagens e passagens de sua vida. Faleceu, após curta enfermidade, em sua residência em Itoupava Seca em 30 de Novembro de 1985, sendo sepultada a 1.º de Dezembro no cemitério da Igreja Luterana de Blumenau-Centro. Deixou quatro filhos: Wittich Paul Hering, casado com Elke Andresen, Fred Hering, casado com Edith Lohmann, Ethel Traute, casada com Dr. Julio Horst Zadrozny e Ruth, casada com Karl Friedrich Strauss e uma descendência de 11 netos e 22 bisnetos.

Frederico Kilian

---

## Aconteceu...

Fevereiro de 1986

---

— DIA 2 — Frei Dalvino Munaretto foi empossado novo vigário da Paróquia São Paulo Apóstolo, em substituição a Frei Anselmo Brand. Frei Dalvino é natural de Concórdia, foi vigário durante sete anos em Porto União, seis anos em Santo Amaro da Imperatriz e cinco anos em Joaçaba. Frei Anselmo Brand foi vigário em Blumenau desde o dia 30 de janeiro de 1983. Daqui Frei Anselmo parte para Mato Grosso do Sul onde será vigário da Catedral de Dourados.

\* \*

— DIA 7 — Foi instalada oficialmente a Universidade Regional de Blumenau. O ato de instalação contou com a presença do Ministro da Educação, Marco Maciel. Na mesma solenidade foi inaugurado o novo prédio da Biblioteca Central "Martinho Cardoso da Veiga" e assinados, pelo Ministro da Educação, vários convênios entre o Ministério e as Universidades do PR, SC e RS.

\* \*

— DIA 8 — Declarações do coordenador do Centro Administrativo Regional de Saúde, Mauro Kreibich, dão conta que foram detectados em Blumenau oito casos de meningite meningocócica em crianças de 3 meses até 13 anos, desde o início do ano. Mas o coordenador também declarou que a situação está sob controle.

\* \*

— DIA 13 — O Instituto de Pesquisas Sociais da Fundação Universidade Regional de Blumenau, anunciou que o custo de vida de Blumenau apresentou no mês de janeiro passado uma alta de 17,83%, a maior elevação desde 1983, época em que começou a ser calculado por aquele Instituto.

\* \*

— DIA 14 — O Senador Jorge Bornhausen, nascido em Blumenau, assumiu em Brasília o Ministério da Educação. Bornhausen substituiu o ministro Marcos Maciel.

— DIA 14 — Somente hoje foi anunciado pela imprensa local que o prefeito Dalto dos Reis, no dia 5 do corrente mês, ingressou no Fórum da Comarca comum mandado de segurança contra “a omissão” do presidente do Conselho Universitário da FURB, reitor Arlindo Bernardt, pela não convocação do referido conselho para proceder a adaptação dos estatutos e regimento da instituição à Lei Municipal nº. 3.212/85”.

\* \*

— DIA 25 — Foi inaugurada a nova sede da Sociedade Promocional do Menor — PROMENOR. O novo prédio, numa área de 1.856,12 metros quadrados, na Rua Humberto Campos, no Bairro da Velha, está capacitado para atender 400 crianças com idade entre 10 e 14 anos.

---

## B L U M E N A U

Texto extraído do livro “Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana” de PAUL SINGER

(Continuação do número anterior).

Verifica-se desta maneira, que em Blumenau, e em toda área colonial na qual ela se insere, que abrange regiões do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina e do Paraná, estava-se desenvolvendo uma economia de subsistência, em alto grau independente da economia de exportação do resto do país. Na medida em que a população se ia adensando e que crescia o excedente de produção comerciável, iam amadurecendo as condições para o salto da industrialização. Em Blumenau ele se deu a partir de 1880.

Em 1879, um jovem imigrante, Hermann Hering, adquiriu um tear circular, em Joinville. Montou uma tecelagem em Blumenau, operando-a inicialmente como empresa familiar. Os produtos encontraram boa aceitação, em breve se adquiriram mais teares, a roda de água foi substituída pelo vapor e este mais tarde por energia elétrica. Em 1914 terminava-se de construir uma fiação anexa à tecelagem, o que permitiu à empresa atravessar bem os anos da guerra, expandindo-se bastante. Obtivemos, em Blumenau, uma entrevista com o diretor atual da firma, que é a maior empresa industrial da região. Disse-nos que o mercado inicial da Cia. Hering era apenas o “Estado”, o que deve significar a área colonial circunvizinha, e talvez Florianópolis. O primeiro agente da firma a ser enviado para fora de Santa Catarina foi para Porto Alegre (cidade da qual é tributária a área colonial do Rio Grande) em 1900. Só em 1908/1910 passou a empresa a vender sistematicamente para São Paulo e logo depois para o Rio.

(Continua)

<b>KARSTEN</b> Mais de cem anos conceituando a indústria têxtil blumenauense e gerando divisas para o país pela volumosa exportação de produtos da mais alta qualidade.
---

# FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

## São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;

Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

## A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico — Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

Conselho Curador: Presidente — *Alonso Rabe*; vice-presidente — *Antonio Pedro Nunes*.

Membros: *Elimar Baumgarten — Rolf Ehlke — Nestor Seára Heusi — Ingo Wolfgang Hering — Martinho Bruning — Urda Alice Klueger — Frederico Blaul — Frederico Kilian — Olivo Pedron.*

Diretor Executivo: *José Gonçalves*

MUITA GENTE QUE FEZ A HISTÓRIA COLONIZADORA EM NOSSA REGIÃO, JÁ VESTIA A MACIEZ DAS CAMISETAS E ARTIGOS HERING.

QUANDO SE FALA NA HISTÓRIA DE NOSSOS PIONEIROS, LEMBRA-SE DOS IRMÃOS HERING, QUE HÁ MAIS DE CEM ANOS INSTALARAM A PRIMEIRA INDÚSTRIA TÊXTIL EM BLUMENAU.

HOJE "BLUMENAU EM CADERNOS" E A HERING TÊM MUITO EM COMUM, ACREDITAMOS NA NOSSA TERRA E NOS VALORES DA NOSSA GENTE.



**Cia. Hering**  
BLUMENAU - SANTA CATARINA